

100

1957

1957



CRÓNICA
Desportiva

ALBERTO

CRÓNICA
Desportiva

N.º 2 — 21-4-1957

TODOS OS DOMINGOS

CARA A CARA

«Cara a Cara» é uma secção de crítica. Crítica desassombrada, independente, dura, se necessário, honesta. Não se visa o mal de ninguém — clubes, dirigentes, técnicos, jogadores — mas simplesmente o bem do desporto, que é o mesmo que dizer o bem de todos aqueles que nele intervêm.

O ORIENTAL TERIA PERDIDO OS SEUS FUTEBOLISTAS
se existisse já o «Estatuto do Jogador»?

O litígio que agitou no mês passado os meios afectos ao Clube Oriental de Lisboa, despertando a atenção, aliás pouco lisonjeira, de qualquer ângulo, de todos os desportistas, veio provar que muita falta faz o decantado «Estatuto do Jogador». Ou seja a legislação do profissionalismo no futebol.

Que teria acontecido se tal diploma já existisse?

A pergunta tem a sua razão de ser. Mais. É imperioso que se fixem garantias aos atletas acerca do pagamento integral da remuneração que lhes compete.

Sim, se existisse já o «Estatuto do Jogador», qual teria sido o rumo que tomaria a desagradável questão entre o Oriental e os seus futebolistas?

Lógicamente, este: o Oriental teria perdido o direito de dispôr de todos aqueles jogadores aos quais devia dinheiro!

Não se pode calcular outro desfecho. O futebol, uma vez encarado como profissão perfeitamente regulada, sujeita os clubes, tal como vulgares empresas, às leis do trabalho.

Portanto, é intuitivo que o Oriental estaria a esta hora a braços com um tremendo problema se existisse já o profissionalismo no futebol. E quem diz o Oriental, pode dizer uma boa série de clubes, porque não falta entre os clubes de qualquer Divisão, quem não tenha os ordenados ou prémios em dia...

É, pois incalculável, a repercussão que poderá ter no nosso país a implantação do profissionalismo no futebol. Levará a falência a muito lado, não tenhamos dúvida!

A não ser que se modifique substancialmente o «modus-vivendi» dos clubes portugueses — que se altäre o sistema tributário de impostos, que os treinadores sejam menos bem pagos ou melhor aproveitados no mister de «fabricar» jogadores, que se abandone a política de transferências por sistema, procurando criar jogadores.

E mais: que se faça uma autêntica destriça entre profissionais e amadores — não só no futebol como nos outros desportos...

Sim, os clubes terão de reprimir despesas, canalizando as receitas para a modalidade que é a sua razão de ser na maioria dos casos. É de presumir que limitem também os seus quadros ao mínimo indispensável.

No final de contas, não nos admira que, pelo menos nos tempos de transição, haja «crise de emprego», porque não é crível que todos os pseudo-profissionais de agora consigam «colocação» nos clubes como autênticos profissionais.

Assim, o «Estatuto do Jogador», talvez seja uma grande ideia para os bons jogadores, que possam valer-se dos seus méritos para tirar todo o partido económico da sua cotação.

Mas será um «bico de obra» para aqueles que até aqui têm governado a vidinha como autênticos profissionais, pagos pontualmente ou não, mas de aptidão técnica muito discutível... Enfim, aguardemos — e meditemos...



A influência da tropa na carreira desportiva de HERNÂNÍ

HERNÂNÍ não era ainda um «ás» quando o dever militar o chamou às fileiras. Mas que era um moço com habilidade às carradas já se vislumbrava — talvez mais fora do F. C. Porto do que adentro das suas paredes... A prova é que no F. C. Porto se pensou em incluí-lo como «contra-peso» no «negócio» da transferência de Pedroto, com o Belenenses. Hernâni é que não esteve pelos ajustes...

Entretanto, a sua chamada às fileiras militares teve com consequência interessarem-se pelo seu concurso vários clubes do Sul, porquanto Hernâni foi destacado para Lisboa.

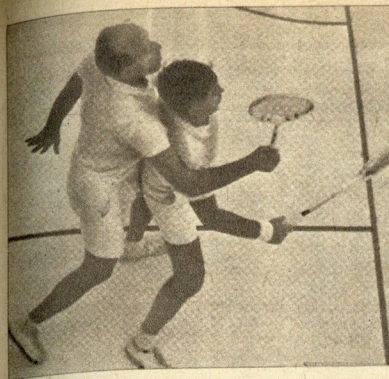
Foi o Estoril que ganhou a palma, sem se importar que Hernâni pudesse ou não treinar. E não podia. O grande jogador de Águeda fez quase toda a época em que representou o clube da Costa do Sol sem treinos de conjunto, pois foi destacado também militar-

mente, para Santarém e Santa Margarida. Talvez por isso, em campo, Hernâni era um individualista, mas, apesar disso, era meia equipa do Estoril. Tudo isto deu nas vistas e quando regressou ao F. C. Porto estava transformado em «crack», cobiçado por grandes clubes, como o Benfica e o Sporting. Quem sabe se não fosse a passagem por outro clube o F. C. Porto não teria negociado o jovem aguedense — que «Santos da casa»...

A influência da tropa continuou a fazer-se sentir, pois criada a selecção nacional militar de futebol, Hernâni foi seleccionado — e hoje é detentor do «record» de ter disputado todos os jogos daquela equipa, proeza de que mais nenhum jogador se pode orgulhar.

Explicação aos leitores

Por lapso que profundamente lamentamos, irremediável na altura em que foi verificado, dado o sistema de confecção conjunta das duas capas, a do número anterior saiu com o n.º 2 e a deste número, com o n.º 1. Para esta falha pedimos a benevolência dos nossos leitores, sugerindo àqueles que desejam coleccionar este magazine (e esperamos que sejam muitos!) que procedam à necessária emenda nos respectivos exemplares.



Onde se teria metido O JOCKEY?

O «Grande Prémio Nacional» belga de hipismo, disputado em Aintree, foi este ano particularmente cruel; quatro cavalos caíram e feriram-se mortalmente, sem perigo de vida para os respectivos «jockeys».

A Liga Protectora dos Animais belga protestou violentamente, no que foi apoiada por diversas entidades. Eis uma curiosa foto da prova. O cavalo «31», ao saltar, perdeu o seu «jockey». Onde se teria metido o homem.



OLHA O BALÃO!

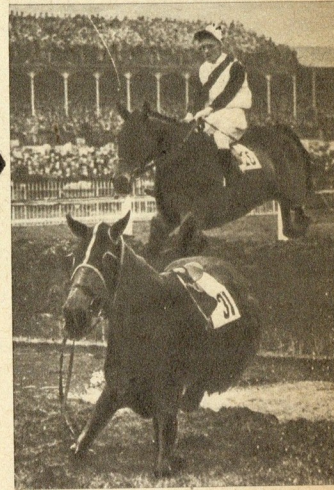
Além Alpes, os «tifosos» do futebol não se limitam a ir para os campos munidos de bandeirinhas com as cores do seu clube predilecto ou de cartazes com dísticos que são outros tantos «gritos» de incitamento às equipas pelas quais «torcem».

Exemplifica as nossas palavras esta foto, na qual se vêem os «torcedores» do Genoa, de Génova, empenhados em lançar para o espaço um enorme balão, no qual os seus jogadores, ao entrarem no rectângulo, encontrarão as mais vementes lendas de encorajamento. Sim, não querem dizer que a sua equipa «vá ao ar»...

Antecipação!

Apareceu na Índia um novo jogo: o «squash rackets», que consiste em enviar uma bola contra uma parede, apanhando-a, depois, no ressalto com a raqueta, mas sem a deixar tocar no solo.

Aqui, os irmãos Hashin Khan e Azam Khan (não confundir com a família do célebre Ali Khan) demonstram a coordenação dos seus movimentos. Eles quiseram certamente captar a bola ao mesmo tempo e o resultado — veja-se!



DIZ QUEM SABE...




COMO SE DEVE MARCAR O EXTREMO

—depõe o "internacional"

VIRGÍLIO

ALCANÇOU o maior agrado como prevíamos, esta rubrica de indole técnica. Não constituirão autênticas lições para jogadores já feitos e dispo de instrutores competentes, estes conceitos que os melhores futebolistas portugueses gentilmente irão explanando nestas colunas, mas não há dúvida que se trata de muito

úteis conselhos para aqueles amadores que não podem contar com instruções de um treinador. Para estes se destina essencialmente esta curiosa secção.

Fala-nos hoje da marcação ao extremo, o excelente defesa lateral da selecção das quinas, Virgílio Mendes. Jogador experimentado, os seus conceitos, revestem-se de muito interesse, como veremos:

— Para se poder desempenhar a contento o lugar de defesa lateral torna-se necessário um certo número de qualidades, entre as quais devemos distinguir a velocidade, poder de antecipação e valentia.

Pessoalmente prefiro atacar o extremo no momento em que ele se apresta para recolher o esférico pois quando ele já o tem dominado, o desarme torna-se mais difícil e mais conseguinte.

Há um outro pormenor que também não se pode descurar. Trata-te de evitar que o avançado se coloque entre nós e a baliza, lugar que a todo o custo devemos manter mesmo que momentaneamente tenhamos ido em socorro de um companheiro.

Estas são as principais qualidades requeridas ao defesa. As restantes e muitas mais são, fazem parte da técnica que todo o jogador de futebol deve possuir.

VIRGILIO MENDES

Nem que ele se rompesse todo

NO vestiário da equipa do Girondins de Bordéus, alguns jogadores entregam-se à brincadeira. Wosniezko, por exemplo, está convencido de que será capaz de encher a bola à boca, mas o seu colega da extrema esquerda, Kargo, olhando-o, parece pensar: «Nem que tu te rompas todo, meu velho!»
E tem razão, o Kargo!



DUAS HISTÓRIAS

Espectador suicida

O caso não tem explicação, salvo a de doença — porque não é crível que o fanatismo de um entusiasta de futebol vá ao extremo de se suicidar, por o seu país perder. Pois isto aconteceu, segundo relataram jornais franceses, há uns oito anos em Zagreb. Um

estudante jugoslavo chamado Bedilov jurou que se mataria se a sua equipa perdesse com a romena, para o campeonato balcânico. A Roménia ganhou, realmente, e o fanático, em pleno campo de futebol, meteu uma bala no coração!

O guarda-redes era o embaixador

HÁ anos, em Bucareste, organizou-se um torneio de futebol entre o pessoal de algumas embaixadas acreditadas na capital romena.

Foi geral o espanto, quando a equipa inglesa se apresentou, num dos jogos, com o próprio embaixador (Charles Prack, de 52 anos) a guarda-redes!

Até aonde pode ir o culto pelos desportos entre os ingleses...

Aliás, não é verdade, como se vê noutra página, que até os mais altos personagens britânicos apreciam os desportos?





Num jogo contra o seu rival de sempre — o Benfica — e vendo-se Gustavo Teixeira caído por terra, Mourão vai rematar com mortífera precisão.



Uma foto que Mourão guarda cuidadosamente no seu álbum: recebendo a «Taca de Portugal» das mãos do venerando e saudoso Chefe do Estado, então general Carmona, o que tinha sempre uma palavra de carinho e estímulo para os desportistas.



Na homenagem que lhe foi prestada na antiga sede da Federação, os seus admiradores por pouco o deixavam sem casaco...

Do álbum de Mourão

O MELHOR EXTREMO - DIREITO PORTUGUÊS DE TODOS OS TEMPOS

SE fosse possível constituir a selecção nacional com elementos de todas as épocas e no melhor da sua forma, Adolfo Mourão seria considerado, sem dúvida, o candidato n.º 1 para o lugar de extremo-direito.

Fisicamente bem constituído, inteligente, com dois pés famosos, que sabiam tão bem atirar à baliza, como «centrar» ou endossar a bola, Adolfo Mourão foi alguém no futebol.

Nasceu em Algés, em 29 de Junho de 1912, principiando a sua carreira no Sporting, com 16 anos. Nos primeiros tempos, Mourão jogava mais vezes a interior do que a extremo-direito. Mas foi neste último posto, em que acabou por se fixar, que o grande jogador se consagrou, inclusivamente na selecção nacional. A sua estreia na equipa das cinco quinas não lhe deixou, porém, grata recordação. Foi nos célebres 9-0 contra a Espanha...



Na festa de homenagem, agradecendo a lembrança de um pequenino admirador. Entre outros, descortinam-se os «internacionais» Francisco Ferreira, Rafael e Soeiro.

Mourão foi escolhido quinze vezes para a selecção nacional, duas delas como «capitão» (contra a Suíça, em 1939, e Espanha, em 1935, que nos valeu o empate, e dois no jogo com a Suíça, que vencemos, em 1942, por 3-0. Por sinal, foi este último jogo o derradeiro da sua passagem pela «equipa de todos nós». Dir-se-ia que Mourão pretendeu despedir-se em beleza...

O categorizado extremo-direito veio a retirar-se da actividade regular, em 23 de Maio de 1943, sendo nessa altura alvo de significativa homenagem. Jogou ainda alguns encontros, depois, efectuando o último na inauguração do Estádio Nacional de 1944, em que o Sporting, jogando contra o Benfica, conquistou a «Taça Império».

Hoje, Adolfo Mourão é um bem relacionado industrial de tipografia, e embora já retirado dos campos de futebol há uma boa dúzia de anos, o seu nome não esquece, como só acontece aos grandes jogadores!

MOURÃO NUNCA JOGOU NOS JUNIORES NEM NA RESERVA

Com Adolfo Mourão passa-se um caso deveras curioso: nunca foi júnior, nem jogador de categorias inferiores.

Jogava futebol a brincar. Um dia fez um jogo em representação de um grupo que hoje se chamaria «corporativo». Os dirigentes leoninos vieram-no actuar e canfrataram-no. Foi, no domingo seguinte, suplente à primeira equipa. Oito dias depois titular, lugar que manteve durante 15 anos. Fora isto, só jogou na «equipa de todos nós»!

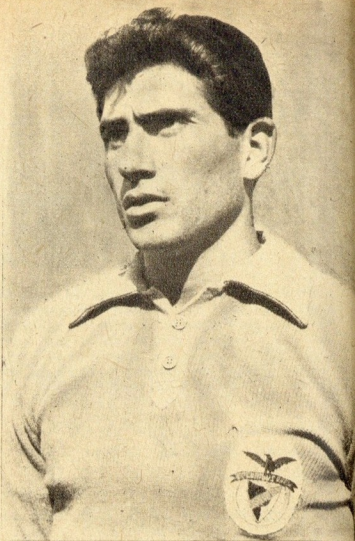


Bastos

o "campeoníssimo"!

ESTE é o Bastos — o mais campeão dos benfiquistas. Porquê? Foi o único que participou nas 26 jornadas do «Nacional»!

Foi campeão pela segunda vez. A primeira foi em 1950. Na «Taça de Portugal» é que já triunfou três vezes. E na «Taça Latina», uma. Sonha agora com a segunda... Bastos é considerado o jogador talismã

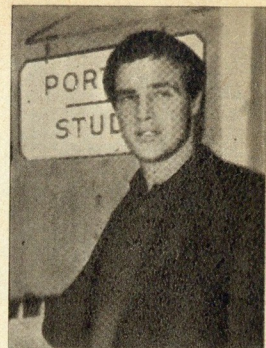


Raul de Figueiredo sósia de MARLON BRANDO?



Quando a selecção de Lisboa de futebol se deslocou a Madrid, há pouco mais de um ano, foi grande o espanto da comitiva portuguesa, quando os fotógrafos que os esperavam desataram a «alvejar» Raul de Figueiredo com os disparos das suas máquinas. O próprio «stopper» belenense ficou desconcertado com tal insistência dos repórteres, porquanto ele nem sequer era «internacional» e na equipa existiam outros jogadores mais famosos do que ele. Não tardou que este fenómeno de popularidade à primeira vista se explicasse. É que um fotógrafo madrileno tinha julgado ver em Raul de Figueiredo nada menos que o célebre actor cinematográfico, Marlon Brando...

Foi o rastilho, para que o equívoco alastrasse, pondo em alvoroço o aeroporto. Tal parecença, que saibamos, nunca fora notada em Portugal. De facto, o corte de cabelo e os traços fisionómicos, músculos, assemelham-se, algo. As fotos que publicamos dos dois «astros» (Figueiredo é-o também, à sua maneira...) sujeitam-se ao veredicto dos leitores. Quem acha Raul de Figueiredo sósia de Marlon Brando?



Quem foram os jogadores que bateram José Bastos no último campeonato

Bastos foi o segundo guarda-redes menos batido do «Nacional» (o primeiro foi Pinho), não tendo sofrido golos em dez encontros em vinte e seis disputados. Sofreu 25 tentos (quase um por jogo, em média) apontados pelos seguintes adversários:

Lusitano (V. 1-2 e E. 2-2) — Fialho e Batalha (2).

Sporting (E. 1-1 e D. 1-0) — Pompeu e Hugo.

Covilhã (V. 1-3 e V. 6-0) — Suarez.

F. C. Porto (V. 3-2 e D. 3-0) — Hernâni (3), Jaburu e J. Maria.

Cuf (V. 2-3 e V. 6-0) — Sérgio e Pirez.

Caldas (V. 1-0 e V. 1-4) — Sarrazola.

Belenenses (E. 2-2 e E. 2-2) — Miranda e Matateu; Di Pace e Bezerra.

Atlético (V. 4-0 e V. 0-5) — Nenhum.

Oriental (E. 1-1 e V. 3-0) — Leitão.

V. Setúbal (V. 4-0 e V. 2-3) — Fernandes e Miguel.

Barcelonense (V. 2-4 e V. 10-1) — Faia (2) e Amândio.

Torresense (V. 3-0 e E. 1-1) — Morais.

Académica (E. 0-0 e V. 2-0) — Nenhum.

da «Taça Latina». Foi um dos artífices da retumbante vitória de 1950. Regressou ao «primeiro plano», atraindo a confiança geral, na «Taça Latina» da época passada, quando Costa Pereira, «lesionado» não podia prestar concurso em Itália.

Bastos é especialista nestas surpresas. Jogava ele ainda nas «reservas» quando um dia Cândido Tavares, treinador-adjunto, lhe anunciou:

— Vais jogar no primeiro «team»...
— Quando, sr. Cândido?
— No domingo, contra o Sporting...

Bastos ficou assarapantado, passou mal as noites, foi para o campo com «ar de enterro», mas portou-se à altura.

Outra surpresa: quando o Bastos ingressou no Benfica foi para praticar atletismo, como o irmão, e não futebol.

Afinal — o mundo dá muitas voltas! — José Bastos veio a brilhar no Benfica não como um Martins Vieira ou Matos Fernandes, mas no lugar mais ingrato que existe no futebol: o de guarda-redes.

Mas quando o prémio é ser campeoníssimo, tudo fica compensado!

Para a semana fazem anos..

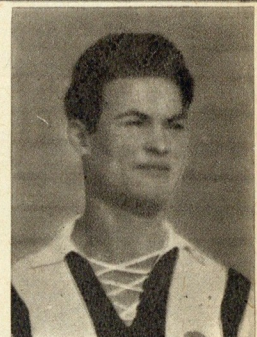
Dois barreirenses, e ambos defesas, fazem anos na próxima semana — Silvino e Faneca. Este, aliás, é «barreirense» por clube, pois nasceu em Montemor-o-Novo — em 27

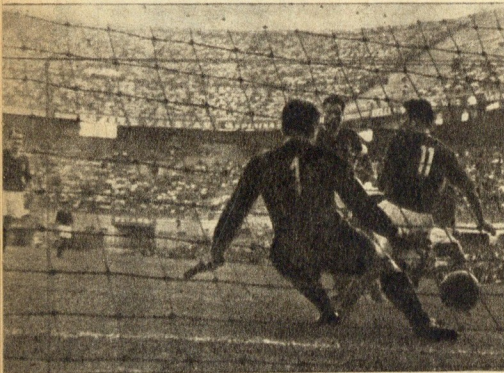


de Abril de 1935, pelo que perfaz apenas 22 anos. Fernando Salvador Faneca foi muito novo para o Barreiro e começou nas escolas de jogadores do Barreirense.

Silvino Baptista Preto é um pouco mais velho, pois nasceu (de facto, no Barreiro) em 21 de Abril de 1931. Festeja pois domingo o 26.º aniversário. Também só conheceu a camisola do Barreirense.

Estarão pois de parabéns os defesas laterais do popular clube do Barreiro.





E A BOLA
passou por
debaixo das
PERNAS!

...É golo! Um golo do Milan frente ao Padova—um golo do célebre italo-uruguaio «Pepe» Schiaffino.

A jogada decorreu como passamos a explicar: Bagnoli, extremo milanista correu pela linha lateral e centrou para Schiaffino, rodeado de adversários, frente à baliza do Padova. Mas «Pepe» pôde tocar com o seu famoso pé esquerdo na bola... que passou por entre as pernas do extremo-esquerdo Cazzaniga, que havia acorrido à defesa, e traiu o guarda-redes, indo anichar-se no fundo da baliza, provocando o desespero de uns e a alegria de outros.



O Campeão de Xadrez de Portugal BRILHOU EM ESPANHA

PORTUGAL possui, não há dúvida, um excelente campeão de xadrez. É Joaquim Durão, com provas já prestadas no estrangeiro, especialmente em Espanha, onde a sua cotação aumenta em cada exibição. Recentemente o campeão português dos escaques fez uma digressão pela Estremadura espanhola e Madrid, a jogar partidas «simultâneas». Jogou ao todo 116, em cerca de dezasseis horas, obtendo 92 vitórias, empates e derrotas.

Na foto, tirada em Plasêncios (Cáceres), vê-se Durão a efectuar uma troca de peões num tabuleiro, logo a seguir a ter deixado um adversário preocupado, como parece ser aquele que leva o cigarro à boca...

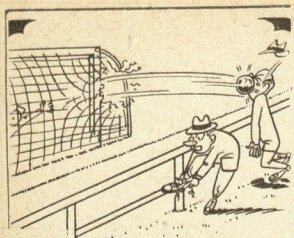
Três golos do Belenenses em dois minutos

Num desafio para o campeonato da Liga em 4-IV-1937, em Coimbra, o Belenenses logrou marcar três golos no breve espaço de dois minutos.

Ao 16.º minuto de jogo, Rafael esquivou-se a todas as entradas e, por uma nesga que o guarda-redes deixara a descoberto, enfiou o esférico na baliza. Bola ao centro, pontapé de saída dos académicos, intercepção dos azuis, desatada, troca de passes na grande área dos locais, chuto de Rafael que esbarrou nas pernas do guarda-redes (Tibério) e recarga vitoriosa de Quaresma.

De novo bola ao centro, a mesma cena, descida dos «azuis», com José Luís e Quaresma a permitirem a bola, remate daquele, emenda de Rafael, a contar!

3-0 em 120 segundos, mais segundo, menos segundo!...



Contem-nos esta anedota...

De novo lançamos o repto aos nossos leitores: contem-nos a anedota que o desenho acima reproduz!

As legendas publicadas serão premiadas com livros da Editorial da Agência Portuguesa de Revistas; os autores das três que considerarmos melhores serão ainda contemplados com bilhetes para bancada central na final da «Taça de Portugal» em futebol.

É indispensável, como é óbvio, que os leitores concorrentes indiquem nome e morada, sem o que não poderemos enviar os prémios.

Vamos, leitor amigo, contem-nos esta anedota... O prazo finda no dia 30 de Abril corrente.



ANDEBOL É ESPECTÁCULO!

O andebol de salão, ou de sete, como queiram atingir grande desenvolvimento nestes últimos anos.

Desporto vivo, alegre, espectacular, ele exerce enorme atracção na mocidade, com a vantagem de ser aparentemente, claro, mais fácil do que o futebol.

Entre nós, embora tenha o seu público, o andebol de sete não atingiu ainda a maioridade.

Mas lá fora a coisa é falada e os jogos internacionais principalmente, esgotam as lotações das enormes salas construídas para o efeito.

E realmente não é para vibrar com esta festa em que o checo Vlado Hlavnicka, em posição acrobática atira a bola às redes alemãs, durante o recente encontro em que a Checoslováquia e a Alemanha empataram por 13 bolas.

Remexendo em coisa do passado deparam-se-nos, às vezes, temas engraçados. Eis um exemplo: sabia o leitor que, antes da criação da União Velocipédica Portuguesa (1899), quem orientava a actividade do ciclismo português por incumbência da Federação Internacional, era a Federação Espanhola?!

Foi para nos livrar dessa tutela que o jornal «Tiro Civil» lançou a campanha para a criação da União Velocipédica Portuguesa — hoje, para todos, menos para a Lista telefónica (!), Federação Portuguesa de Ciclismo.



APESAR DE TUDO, SORRIU-SE NO ORIENTAL...

O FILHO NÃO QUERIA JOGAR mas o pai não perdeu no negócio dos bufetes...

A questão da demissão dos jogadores do Oriental, que tanto deu que falar, revestiu-se de aspectos curiosos, independentemente do assunto que motivou o incidente. É que o Oriental é, em Lisboa, um clube «sui generis». A maior parte dos jogadores convivem com os sócios do clube, quer na própria sede do clube, quer nos vários pontos de reunião do bairro.

Apesar das desinteligências verificadas, que mereceram reprovação da maior parte da massa associativa, nem por isso houve zangas nem questões pessoais. Houve, sim, muitos dichotes, de cunho popular, que amenizaram o ambiente.

O caso mais curioso relacionou-se, *porventura, com Orlando, dada a circunstância de ser filho do... concessionário dos bufetes de sede e do campo do Oriental!

Não faltaram as ameaças bem humoradas, de represálias, ao bom do sr. Napoleão (é o nome do pai do citado atleta), no género de não lhe comprarem mais bebidas e tabaco, se o filho não voltasse imediatamente a jogar...

Boa gente do povo, que não sabe guardar rancor, e que consegue fazer galhofa dos seus próprios aborrecimentos...

Um tio, um empregado e o pai do Orlando ao balcão do bufete da sede do Oriental.



Quem mandava nos ciclistas Portugueses há sessenta anos era a Federação Espanhola!

O desporto não faz mal aos reis...



DESPORTO é uma actividade salutar e, naturalmente, os mais altos personagens não se inibem de o praticar. É sabido o agrado que a Família Real Britânica manifesta pelos desportos. Não se limita a frequentar os recintos desportivos.

O Duque de Edimburgo é uma distinto velejador. Vemo-lo, numa das fotos desta página, ao leme do pequeno iate «Farrey Fox», regressando de um passeio que a ventania não deixou prolongar...

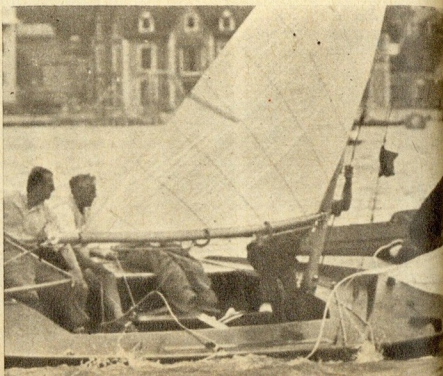
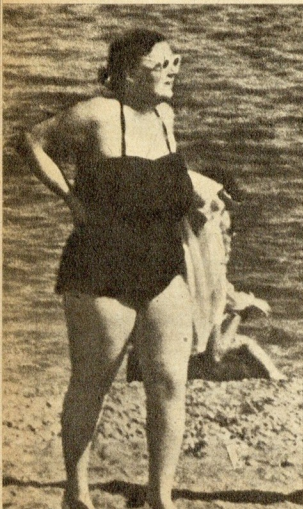
Noutra, vê-se o Príncipe Carlos jogando futebol na escola londrina que frequenta. O seu domínio de bola é já muito apreciável. Como todas as crianças, gosta de chutar à baliza.

As capas deste número retratam a Princesa Margarida e seus sobrinhos — o príncipe Carlos e a princesinha Ana — no intervalo de um jogo de polo em que participou o grupo capitaneado pelo Duque de Edimburgo.

Não só, porém, os soberanos ingleses apreciam o desporto. A Rainha Juliana da Holanda

(que vemos na gravura ao lado) é adepto da natação, como o foi aliás Isabel II de Inglaterra, no tempo de solteira.

Por aqui se vê que o Desporto conquista toda a gente, até os Reis!



DEQUENAS VEZES DE GRANDES CLUBES

F. C. PORTO O MAIOR CLUBE DO NORTE



CHAMAVA-SE José Monteiro da Costa o pioneiro n.º 1 do F. C. Porto. Trouxe das viagens pela Espanha, França e Inglaterra — aí por volta de 1904 — as mais entusiásticas referências do jogo de futebol — que então já se praticava em Lisboa, em pequena escala.

Em breve o «Grupo do Destino» — colectividade mais dada a patuscas que a desportos — criou um grupo de futebol.

Mas Monteiro da Costa sonhou algo mais grandioso: um verdadeiro clube desportivo, como ele vira no estrangeiro... Mobilizou vontades, influenciou amigos, gente moça, como ele.

Formou-se uma Comissão Administrativa e Organizadora do novo clube. Escolheu-se o nome: Football Club do Porto. As cores da equipa — o que não foi fácil porque nessa altura falava-se já muito em cores... políticas. Optou-se, enfim, pelo azul e branco — não por inclinação monárquica, mas porque nesse tempo eram as cores da bandeira nacional.

Para instalar o campo de jogos, alugou-se um quintal nas traseiras da casa onde vivia o dinâmico Monteiro da Costa. E assim nasceu o Futebol Clube do Porto — em 2 de Agosto de 1906.

O primeiro campo de futebol — acanhadíssimo, como se calcula serviu durante seis anos, ou seja de Dezembro de 1906 a Dezembro de 1912. Ficava situado na antiga Rua da Rainha (hoje de Antero Quental).

Em 1 de Janeiro de 1913 foi inaugurado o Campo da Constituição, onde o F. C. Porto escreveu algumas das páginas mais gloriosas da sua história.

O clube dos «azuis e brancos» tornou-se porém uma colectividade colossal. Do grupo de Monteiro da Costa e seus amigos adveio uma heterogénea massa associativa de mais de trinta mil pessoas!

Em 28 de Maio de 1952, o F. C. Porto inaugurou pomposamente o seu verdadeiro estádio — que o velhinho campo da Constituição já não chegava para os grandes jogos.

O clube continua a crescer, as suas instalações desportivas alargam-se. Mais terrenos de jogo, um belo ginásio, um dia virá a piscina...

Consagrando-se especialmente à prática de futebol, o F. C. Porto não tem desatendido outras modalidades, como o andebol (em que é grande), o basquetebol, atletismo, o hóquei em patins, etc.

No futebol, ao longo de meio século de existência, o F. C. Porto já conquistou os seguintes galardões, em 1.ª categoria:

4 títulos de campeão no antigo campeonato de Portugal (1922, 1925, 1932 e 1937), 1 da Liga (1935), 3 do «Nacional da 1.ª Divisão (1939, 1940 e 1956), 1 da «Taça de Portugal» (1956), 30 vezes campeão do Porto, e, ainda, deu às seleções nacionais 32 «internacionais».

É, pois, brilhante o «palmarés» do actual ex-campeão nacional de futebol.

Virgílio, 24 jogos; Waldemar, 21; Artur de Sousa, 20; Carvalho, 15; Carlos Pereira, 13; e Barrigana, 13.

Honra dos
Internacionais
do F. C. Porto



Nem tudo são alegrias e palmas no desporto.



SIM, nem tudo são alegrias e palmas no desporto, são alegrias, palmas, lutas ardorosas...
Os desportos são muitas vezes os levam às mesas operatórias. Vemos, por exemplo, o futebolista (Leitão) sofrer intervenção cirúrgica.

Na foto 2 vemos quando Travaços sofreu uma fratura da clavícula a qual foi operada pelo Dr. Joelho.
E na foto 3, o ciclista Fausto Coppi sofreu uma fratura da clavícula a qual foi operada pelo Dr. Joelho.

Os exemplos não pretendemos evidenciar as dificuldades desportivas, nem sequer mostrar o seu lado pior. Quando se trata de uma bola, a vida é mais grave.

Somente se premia a luta com aplausos, se se sai quando o azar lhe

desporto, são alegrias, palmas, lutas ardorosas...
Os desportos são muitas vezes os levam às mesas operatórias. Vemos, por exemplo, o futebolista (Leitão) sofrer intervenção cirúrgica.

Na foto 2 vemos quando Travaços sofreu uma fratura da clavícula a qual foi operada pelo Dr. Joelho.
E na foto 3, o ciclista Fausto Coppi sofreu uma fratura da clavícula a qual foi operada pelo Dr. Joelho.

Os exemplos não pretendemos evidenciar as dificuldades desportivas, nem sequer mostrar o seu lado pior. Quando se trata de uma bola, a vida é mais grave.

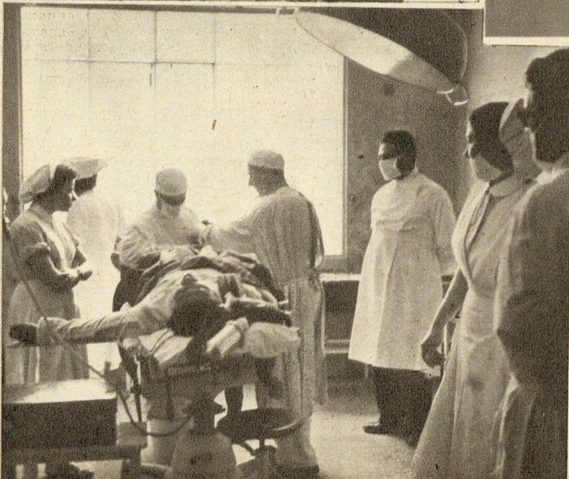
Somente se premia a luta com aplausos, se se sai quando o azar lhe

Os «seis dias» de Cleveland UMA QUEDA QUE PODIA SER FATAL

A prova ciclista dos «Seis Dias» de Cleveland, nos Estados Unidos, bateu todos os recordes das outras competições do género, pelos acidentes que se verificaram durante a extenuante prova. É de assinalar que só na primeira hora da corrida, onze corredores tiveram de abandonar a prova por causa dos acidentes sofridos.



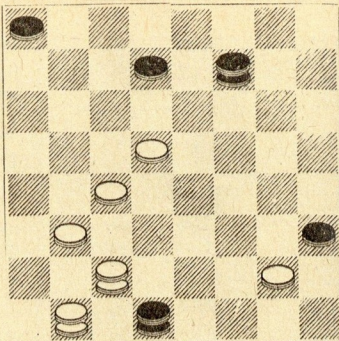
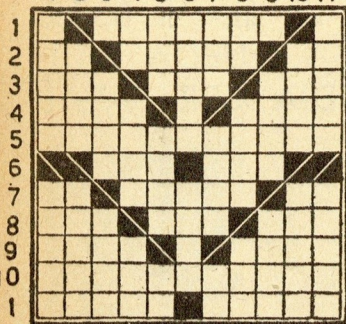
As fotografias que reproduzimos mostram, a da esquerda, o ciclista italiano Mino de Rossi caído no solo devido à queda que deu, sofrendo várias feridas, uma das quais no sobrolho esquerdo de muita gravidade. Na foto da direita, o corredor transalpino recebe os primeiros curativos no hospital para onde tinha sido levado de urgência.



Damas

MANUEL DUARTE (LISBOA)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

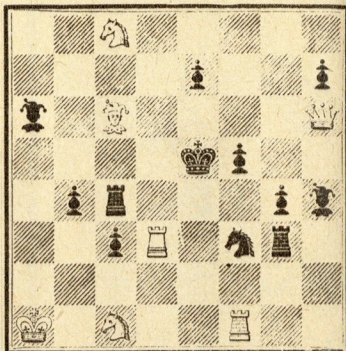


JOGAM AS BRANCAS E CANHAM

Xadrez

2.º PR. «EX-AEQUO».

E. KLAR



Mate em 2 lances

VIRTUOSISMO ...FORA DE JOGO

O virtuosismo dos jogadores de futebol provoca por vezes fases de uma intensidade verdadeiramente espectacular. Esta, revela-nos, que Joseito, do Real Madrid, que domina o esférico já para além da linha lateral, está ainda **preso, arrebatado**, absolutamente entregue à ideia — que dos seus pés irá sair um perigoso e magnífico centro.



No chão, o franco-argentino do Nice, Gonzalez, que tirou ao espanhol todas as possibilidades de êxito revela-nos, afinal, que os futebolistas profissionais têm algo mais dentro de si que o «único» desejo de ganhar fabulosamente a vida.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS — 1. Jogador do Atlético. 2 — Nota musical; antigo internacional de natação; símbolo químico do boro. 3 — Unidade de trabalho; defeito; graceja. 4 — Algumas; imperador romano. 5 — Semântica. 6 — Dama de companhia; indivisível. 7 — Símbolo químico do alumínio; apelido de um jogador do Belenenses; oferece. 8 — Utensílios; ecoa; caminhar. 9 — As regiões superiores da atmosfera; vara de vimeiro. 10 — Máquina que reboca o combóio. 11 — Guarneceira de asas; colérico.

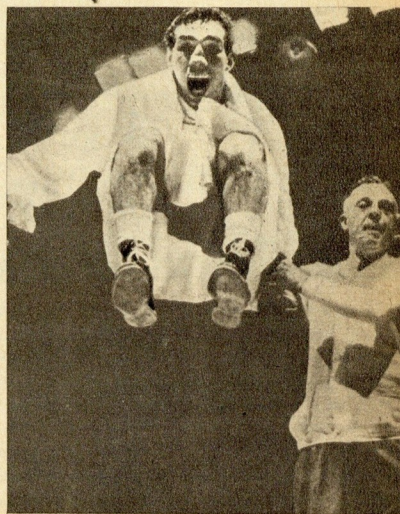
VERTICAIS — 1. «Sticks»; roga. 2 — Aparelho; largos. 3 — Jogador do Torriense; estiagem. 4 — Art. pl.; substância que se dá a cheirar às pessoas desmaiadas para recuperarem os sentidos; quantidade. 5 — Afirmativo; bigorna de cuteleiro; perversa. 6 — Antigo «internacional» de futebol; jogo. 7 — Pano de Atrás; utensílio do pugilista; pron. pess. compl.. 8 — Vogal (pl.); num. ord.; regressar. 9 — Apellido do médico do Sporting; esperto. 10 — Treinador; «internacional». 11 — Monarquia; antigo treinador.

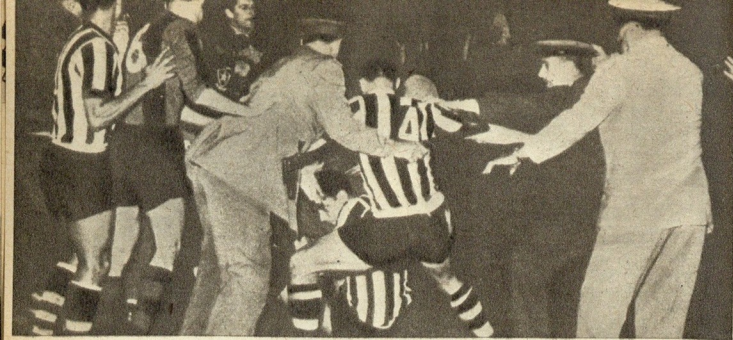
Exuberância

A O ouvir a decisão dos juris do combate que o opusera a Jimmy Carter, o conhecido Teddy Demarco não esconde a sua alegria, manifestando-se ruidosa e excêntrica, a ponto de saltar à altura dos ombros dos seus «managers».

Há, de facto, na vida de um homem horas de tal maneira felizes, que difícil se torna não festejá-las de louca forma.

Demarco é bem o exemplo vivo do que deixamos dito.





Quando o sangue latino ferve nas veias!



Aqui, enquanto em terra transalpina se procura acalmar os nervos exaltados de alguns jogadores, em solo gaúcho há já pugilato mais ou menos ardente. A polícia, todavia, entrou em acção e depois de algumas explicações a calma voltará... e o futebol será dono e senhor dos Estádios..

...E no final de cada encontro, por mais mal-entendidos que tenham existido ao longo da partida, será sempre, amigavelmente, que os homens deixarão, sob aplausos das multidões, o palco da luta desportiva.

...Quando o sangue latino ferve nas veias nada há que lhe resista! Provam-no estas duas fases de dois jogos diferentes passados em países distantes um do outro, mas bem perto pelo sangue e pela raça.



...mas que nem tudo
são tropelias e nervos
crispados, mostra-nos
esta outra fase

«Isto é para beberem à nossa saúde depois do desafio», parece dizer o antigo «internacional» francês de futebol Louis Hon, segundo à esquerda, que foi durante muitos anos jogador do Stade Français de Paris e do Real Madrid, antes de se tornar jogador do Roche-La-Moilière, uma equipa amadora do sul da França. Os contemplados, pelo ar de satisfação têm todo o aspecto de que não são abstémios...

Saber não ocupa lugar...

Regras Olímpicas

A honra de organizar os Jogos Olímpicos é confiada a uma cidade e não a um país.

* * *

Toda a cidade que deseja preparar-se para a organização dos jogos deve fazer o pedido por intermédio do Presidente da Câmara ou de outras autoridades competentes e acompanhar esse pedido das garantias necessárias.

* * *

Os jogos de Inverno formam um ciclo distinto. Realizam-se nos mesmos anos que os jogos Olímpicos.

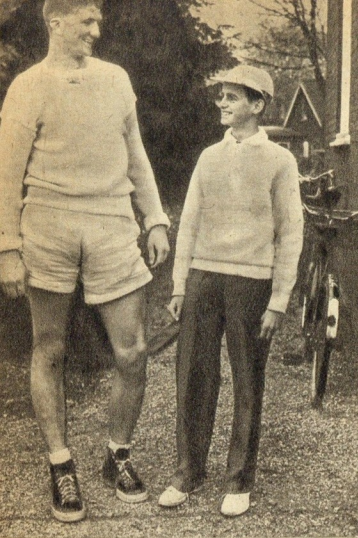
* * *

Os primeiros jogos de Inverno foram realizados em 1924, no decurso da VII Olimpíada. Os jogos de Inverno são numerados a partir dessa data, à medida que vão sendo realizados.

O termo «olimpíada» não se aplica aos jogos de Inverno.

* * *

Todos os benefícios provenientes da celebração dos Jogos Olímpicos (depois de reguladas todas as despesas ocasionadas pela sua organização e atribuição duma contribuição para o fundo do C. I. O.) são enviados ao Comité Nacional Olímpico do país onde se realizarem os jogos e devem ser empregados no movimento olímpico e do desporto amador.



Há atletas ...e atletas

Têm fama as equipas de remadores de Cambridge. Pois agora, nos treinos no rio Cam, com vistas às regatas deste ano, tem participado um remador norte-americano — James Meadows, de Tennessee. É um senhor remador que a valer quanto pesa, seria um caso sério. Mede 1,95 m e pesa a bagatela de 95 quilos.

O contraste com o jovem remador J. S. Sulley é flagrante, pois o norte-americano leva de vantagem para cima de cinquenta quilos!

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Esta foto foi tirada algures no estrangeiro, em 1938 antes de um treino da selecção nacional. Aqui vemos o grande Azevedo, João Cruz, «Pinga», Soeiro, Amaro, Mourão, o seleccionador Cândido de Oliveira, Peiroto, Gustavo Teixeira, Macduño, Carlos Pereira, Espirito Santo, Valadas, Gaspar Pinto e Albino. Cinco perguntas apenas:

I) Em que país foi tirada? II) Qual veio a ser o nosso adversário? III) Como alinhámos? IV) De que competição se tratava? V) Qual o resultado?

Veja se acertou na página 29.



Voltando aos tempos de criança...

SALTAR a corda não é jamais uma brincadeira exclusiva de crianças. Na verdade este exercício, aparentemente infantil, que qualquer menina de treze anos já se emvergonha de executar em público, faz hoje importante parte da preparação dos... pugilistas. Está provado que constitui um ótimo exercício de coordenação de movimentos dos membros inferiores. É verdade, quem o havia de dizer às crianças que se entretêm nos jardins com essa despreocupada brincadeira?

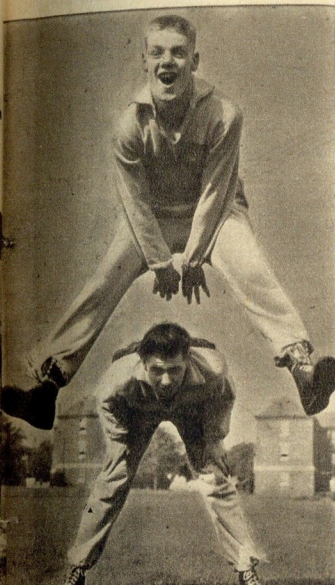
Eis o campeão europeu do peso leve, Diulio Lot, equipado com vista aos árduos treinos de ginásio, a saltar a corda com ligeireza de fazer inveja à mais consumada saltadora de palmo e meio.

Outro exemplo de treino com reminiscências infantis: o salto do eixo!

A imagem fixa um aspecto da preparação de pugilistas amadores da Grã-Bretanha para um torneio internacional da modalidade. São ambos da Royal Air Force. O que está voando é o «peso-leve» Dick McTaggart, campeão da R.A.F., e o que serviu de apoio é o seu companheiro o escocês Ower Reilly, campeão dos médios.

Pode dizer-se que Mc Taggart «voou» para Melbourne, pois foi seleccionado para os Jogos Olímpicos.

Saltos à corda, saltos ao eixo — quem nos havia de dizer, no tempo de crianças que isso viria a ser o exercício predilecto dos grandes atletas?!



Que sabe V. acerca das medidas dos campos de futebol?

Realmente, o conhecimento das medidas do campo, por parte do espectador não é essencial. Há outras particularidades das regras do futebol que importa bem mais fixar. Mas lá iremos...

Como o saber não ocupa lugar e como entre os leitores do nosso magazine deverão existir muitos árbitros, pseudo-árbitros candidatos e outros aspirantes hipotéticos de assopradores do apito, vamos reproduzir uma boa série de medidas de que nos falam as leis do futebol:

Retângulo de jogo:

Comprimento máximo	120 m.
Comprimento mínimo	90 m.
Largura máxima	90 m.
Largura mínima	45 m.

(Claro está que o mesmo campo não pode apresentar simultaneamente o comprimento mínimo e a largura máxima. Ficaria quadrado... Outra prevenção: em jogos internacionais, o comprimento máximo é de 110 metros e mínimo 100 metros; largura máxima, 64 metros).

Altura mínima da bandeirola de canto, 1,50 m.

Raio do círculo do meio campo e da área da grande penalidade, 9,15 m.

Distância da marca do «penalty» à linha da baliza, 11 m.

Distância dos postes da baliza, de um ao outro (medida interior), 7,32 m.

Do solo à barra transversal da baliza, 2,44 m..

Área da baliza:

Distância a cada poste da baliza, 5,50 m. Recta perpendicular à linha da baliza, 5,50 m.

(Pode fazer-se o seguinte cálculo da área da baliza: comprimento (no sentido da largura do campo): 5,50 m. + 7,32 m. (baliza) + 5,50 m. + 24 cm. de espessura dos postes = 18,56 metros.

Área da grande penalidade:

Distância a cada poste da baliza, 16,50. Distância da recta perpendicular à linha da baliza, 16,50 m. (Portanto a área da grande penalidade tem 40,56 cm. x 16,50 m.).

Circunferência da bola:

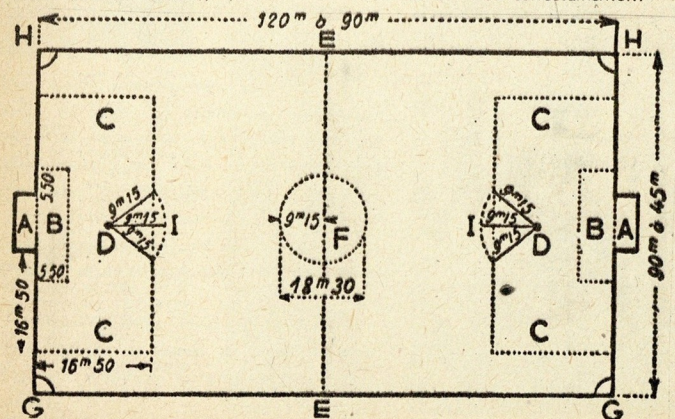
Medida máxima	71 cm.
Medida mínima	68 cm.

Peso:

Peso máximo	453 grs.
Peso mínimo	396 grs.

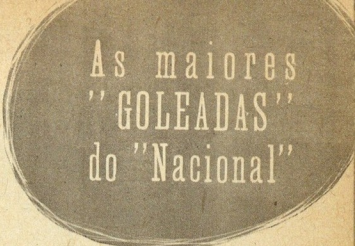
(antes de começar o jogo)

Para melhor compreensão, prezado leitor, analise o gráfico junto, faça contas — e peça aos amigos que o interroguem para verificar se fixou correctamente...



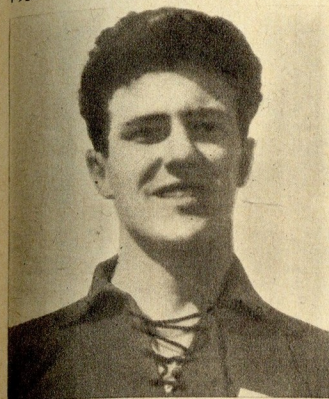
Estas foram as maiores «goleadas» do Campeonato Nacional da I Divisão — todas com margem mínima de dez golos.

- 1941-42 — Sporting-Leça, 14-0.
- 1942-43 — Unidos Lx.-V. Guimarães, 14-0.
- 1940-41 — Belenenses-Unidos Lx., 13-0.
- 1944-45 — Belenenses-Salgueiros, 14-1.
- 1944-45 — Belenenses-Académica, 15-2.
- 1939-40 — Sporting-V. Setúbal, 12-0.
- 1942-43 — Belenenses-V. Guimarães, 12-0.
- 1946-47 — Olhanense-Académica, 12-0.
- 1946-47 — Benfica-Sanjoanense, 13-1.
- 1939-40 — F. C. Porto-V. Setúbal, 12-0.



- 1941-42 — F. C. Porto-Carcavelinos, 12-1.
- 1945-46 — F. C. Porto-Atlético, 11-0.
- 1947-48 — Elvas-Académica, 12-1.
- 1948-49 — Sporting-Boavista, 12-1.
- 1940-41 — Belenenses-Boavista, 10-0.
- 1941-42 — Barreirense-V. Guimarães, 11-1.
- 1942-43 — Benfica-F. C. Porto, 12-2.
- 1939-40 — Sporting-Salgueiros, 10-0.
- 1944-45 — F. C. Porto-V. Guimarães, 10-0.
- 1945-46 — Belenenses-Oliveirense, 10-0.
- 1949-50 — Estoril-Lusitano V. R., 10-0.

Dignos de nota são os dois primeiros resultados, considerados recorde, bem como o do Belenenses-Académica (15-2), como o de maior número de golos marcados por uma equipa e o Benfica-Porto de 1943, que ficou sendo o maior «goleada» entre «grandes» no «Nacional».



José Aguiar — o categorizado avançado-centro do Benfica — foi o grande «goleador» do Campeonato há pouco findo. A maior «goleada» da prova por um triz não figura no quadro acima, porque inadvertidamente os «encarnados» consentiram um golo em resposta ao dez que marcaram ao Barreirense. Nesse jogo Aguiar marcou cinco tentos.

Piadas... escaquísticas

O Rei é incapaz de se encostrar à Dama alheia. Salve ele!...

*

Sabe qual é a diferença entre um xeque e o Brasil? É que o xeque pode ser descoberto e o segundo já o foi em 1500.

TREINO A TÁXI...

Em Lourenço Marques há falta de campos de futebol. Só existem três em condições. De modo que os vários clubes vêem-se em palpos de aranha para efectuarem os seus treinos.

O Benfica, por exemplo, treina no campo do Sporting — à noite, por não ter disponíveis outras horas. O campo é insuficientemente iluminado, mas do mal o menos... Simplesmente, a electricidade não é barata, e os benfiquistas têm de pagar à razão de cem escudos por hora. É o que se pode chamar treinar a táxi. Se o treino for mais puxado, paga-se mais...



O rãguebi não é, no nosso país, dos desportos mais populares. No entanto é um dos jogos mais espectaculares e aliantes que se conhecem, justificando-se assim que no estrangeiro atraia verdadeiras multidões. Existe a errada noção de que o rãguebi é um «jogo para partir pernas» e outras peças anatómicas. Evidentemente, que o rãguebi não é para bebés. Que é uma luta viril, não há dúvida. E leal também. Porque entre os seus cultores existe bem enraizado o sentido do «fair play», sendo desprezado todo aquele jogador que denunciar menos desportivismo.

Nestas páginas damos algumas imagens sugestivas do rãguebi nacional e estrangeiro — e do seu «parente», o futebol americano.

Há rãguebi... e rãguebi! Eis um magnífico instantâneo colhido na Inglaterra. O jogador «vôa», positivamente, para o «ensaio» sem que o adversário chegue a tempo para o «placar», embora pareça também voar...

Há, não há dúvida, beleza nesta jogada espectacular.

SAUDAÇÃO EXTRAVAGANTE

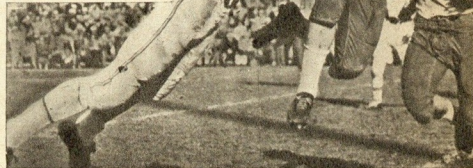
É assim, com pulos e gritando, que os célebres «Kiwis», rãguebistas da Nova Zelândia, saudam o público ao entrar no rectângulo.

Os «Kiwis» constituem uma das melhores equipas mundiais e raro é o ano em que não visitam a França para lá realizarem alguns jogos.

A sua saudação lembra uma dança hindu e, se não fosse a sua grande classe dir-se-ia que estavam a «fazer fita» e a «armar» à popularidade...

Isto é futebol americano!

Não, não confunda leitor amigo. Isto é futebol-americano. Rãguebi é outra coisa. Quase só tem de comum a forma ovoides da bola e mesmo esta é mais pequena no futebol americano. É este desporto «parente» europeu. Tanto que se jogar sem protectores na cabeça e queixo, a integridade física correrá sério risco. As cargas, as «placagens», as obstruções, sem bola e rasteiras com o corpo, são permitidas com a violência (desde que não se considere agressão autêntica, claro), pelo que, por vezes, lembra a «luta livre» com bola...



O jogo é dividido em quatro períodos de 15 minutos, mudando cada «team», de campo, ao fim de cada quarto de hora. A pontuação é a seguinte:

6 pontos — «Touchdown» (golo). A bola é transportada através da baliza do «team» contrário, ou quando a bola for carregada, através da linha de golo, marcado 10 metros atrás das balizas.

1 ponto — Depois do golo acima descrito, quando a bola, pontapeada do terreno, passar entre os postes e por cima da barra da baliza.

3 pontos — Quando a bola for pontapeada entre os postes e por cima da barra em qualquer outra ocasião.

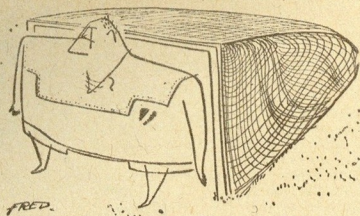
2 pontos — Quando o «team» na defensiva conseguir que um seu jogador de posse da bola se proteja, por detrás da sua própria baliza.

DOIS ASPECTOS DO RÁBEGUI PORTUGUÊS

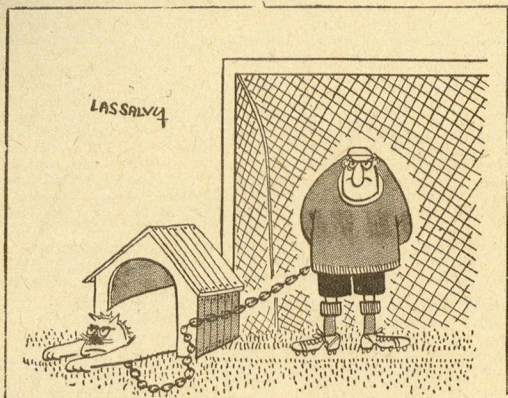
Um defesa do «Foot-ball-Association» não despatcharia a bola em melhor estilo do que este rãguevista do «Internacional», Mário Soares.



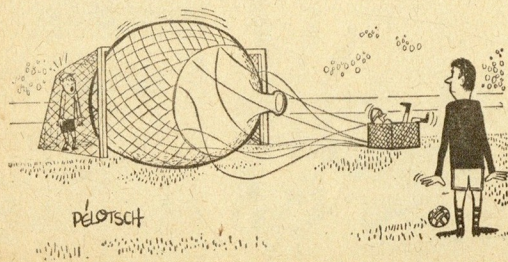
Os dramas da baliza



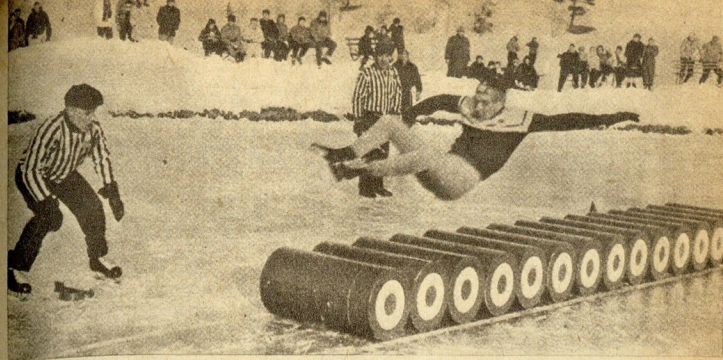
FRED



LASSALVA



PELOTSCH



Bidões a mais ou saltos a menos...

ESTÁ agora em grande voga nas pistas geladas da América do Norte — pois onde havia de ser? — o salto, sobre bidões com patins de lâmina. Esta modalidade requer extraordinárias qualidades de ligeiridade e movimentos do patinador e, sobretudo, grande temeridade. E já se fazem campeonatos dos diversos estados!...

Alguns saltadores são demasiado atrevidos e... «espalham-se».

Aqui, por exemplo, Leo Lebel, de Lake Placid, já tinha saltado com êxito 13 bidões. Mas a sua ânsia de glória levou-o a exigir 15 bidões na fila.

Desta vez, porém, Lebel não teria sorte. Veio a estatelar-se com grande aparato sobre o último bidão.

Soluções dos Passatempos deste número

Sabe que equipa é esta?

1) Itália (Milão); 11) Suíça; 111) Azevedo, Simões e Gustavo; Amaro, Albino e C. Pereira; Mourão, Soeiro, Peirote, Pinga e Cruz; 1V) Eliminatória do campeonato do Mundo; V) Vitória da Suíça por 2-1.

Xadrez — 1.Td6.

Damas — 12-16, 3-12; 16-20; 9-2; 20-24; 2-20; 20-24. 2-20; 24-28 e ganham.

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Rosário; 2. La, Simas, bo; 3. Erg, mas, rir; 4. Umas, Nero; 5. Sematologia; 6. Aia, uno; 7. Al, Silva, da; 8. Pas, soa, vir; 9. Éter, vime; 10. Locomotivas; 11. Asara, Iroso, Verticais: 1. Aleus, apela; 2. Arme, látos; 3. Cama, seca; 4. Os, sais, ror; 5. Sim, tais, ma; 6. Amaro, loto; 7. Ras, luva, ti; 8. Is, nona, vir; 9. Rego, vivo; 10. Biri, Dimas; 11. Coroa, areso.

ROTEIRO DOS CLUBES POPULARES

O Campolide A. C. vai ter sede e campo novos



O Sr. Ruy Tavares, presidente da Direcção, rodeado dos seus colegas, Srs. Raul Correia (tesoureiro) Sérgio Pinto (vice-presidente), A. Melo Silva (secretário) e Joaquim Ribeiro (vogal) exhibe o primeiro recibo de arrendamento da nova sede.

QUANDO o presidente da Direcção cessante, sr. Ruy Tavares anunciou com a voz embarçada pela emoção, que o Campolide A. C. acabara de fechar contrato de arrendamento da nova sede, rebou na sala uma calorosa e espontânea salva de palmas. Marejaram-se os olhos do dedicado dirigente, para o qual o acontecimento tinha foros de vitória pessoal.

Sentiu-se naquele momento que nas colectividades populares, que associam escassas centenas de indivíduos existe tão vivo como nos grandes o sentimento

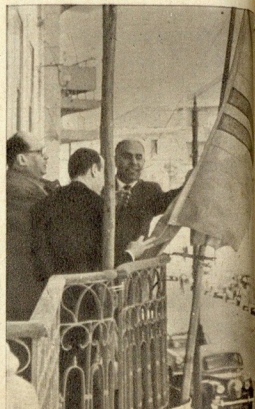
A bandeira do Campolide A. C. é hasteada pela primeira vez nas novas instalações!

clubista, e que tornam enormes as pequeninas vitórias.

Fundado em 1930, e descendendo de uma colectividade recreativa existente desde 1914, o Campolide A. C. de há uns sete anos a esta parte tem sido perseguido pela pouca sorte.

Possuía uma sede modesta mas com um pequeno campo de basquetebol. A venda do terreno a outro senhorio colocou-o no dilema: receber uma pequena indemnização ou ficar sem campo e continuar instalado no prédio a reconstruir. Preferiram os sócios esta hipótese e ficaram «entaipados», na expressão curiosa do seu tesoureiro, Sr. Raul Correia.

Sem campo, o nível desportivo do clube desceu. Algumas colectividades que dantes se serviam



Sob o signo do cesto do basquetebol — a modalidade n.º 1 do «Campolide» — a assembleia geral reúne-se no Ginásio.



A 3.ª categoria de basquetebol que se classificou em 1.º lugar no torneio de 1954. Outrora o Campolide foi campeão absoluto da Liga Portuguesa de Basquetebol.

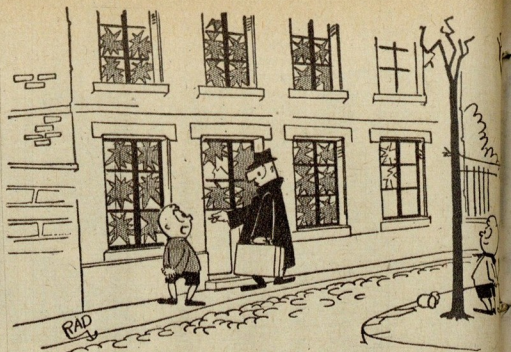
gratuitamente do campo do Campolide exigiam dinheiro por aluguer dos seus novos campos, o que dificultava a preparação. No ginásio da sede recentemente construída à falta do melhor, foi armada uma tábua e cesto, para treino de lançamento.

Agora tudo se encaminha para outro rumo. Há um campo a construir (apenas faltam os vestiários e bancadas), na Rua de Campolide, e nesse terreno poder-se-á em breve jogar basquetebol, andebol de sete e voleibol.

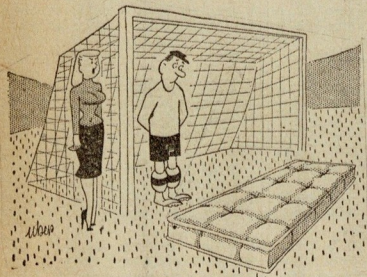
O Campolide também praticou outrora hóquei em campo. Eis o «team» que se classificou em 2.º lugar no Campeonato de Lisboa de 1931.



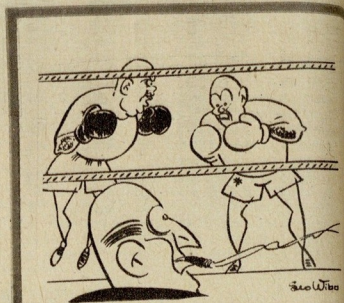
NO
DESPORTO



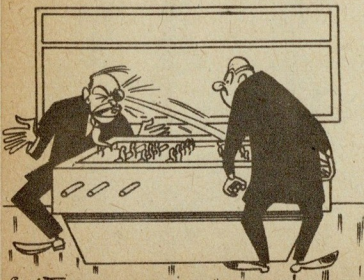
— Ainda bem que o senhor voltou;
já não tínhamos nenhuma bola!



A esposa do guarda-redes:
— Quero lá saber que regulamentos não
permitam colchões à frente da baliza.
Quem cose as camisolas e os calções sou
eu!...



— Atira-lhe para o queixo!
— Isso quero eu! Mas para qual? Ele
tem três!



— Se você continua a jogar dessa
maneira faço um protesto junto da Fede-
ração...



*Neste
numero*

Uma família real que
ama os desportos

N. 1 PREÇO 1\$50

Fotogavura Nacional, Lda.